

LEOPOLDO AMARAL, UM JORNALISTA QUE TAMBÉM FEZ HISTÓRIA

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Sendo a vida, entre outros aspectos, uma desprezenciosa amizade, um amor sem cobrança, uma vontade de sempre fazer algo pelo bem-comum, posso então dizer que Leopoldo Amaral, para a sua cidade e em sua vida, conseguiu pôr em prática o que pensamos ser importante para o indivíduo em sua jornada pela terra. Seu profícuo trabalho é o testemunho deixado que serviu a sociedade, viveu plenamente, sem apenas ver a vida passar.

Não pretendo nestas breves considerações esgotar assunto sobre tudo que poderia ser dito acerca deste jornalista/cronista; tão somente apontarei, como amostragem, o que fez ele por nossa Campinas. Aliás, não é nada fácil lidar-se com personagens de destaque numa comunidade, principalmente pelo temor de incorrer em injustiças, ou, pelo contrário, em ociosos elogios. Por isso, tenciono apenas homenageá-lo e à minha Campinas, a velha cidade de meus ancestrais, fundadores e construtores dela, a cidade de minha infância descontraída, de meus deleitados sonhos e angústias de adolescente, a cidade da mulher que constituiu família, que viu seu filho nascer e crescer e que presencia, pouco a pouco, seus entes queridos irem partindo...

Fora Leopoldo Amaral, filho de Antônio Francisco do Amaral Gurgel, lavrador e comerciante, e de Maria Isabel de Melo, um eminente jornalista de Campinas, sua terra natal, onde nasceu aos 20 de dezembro de 1856, aqui mesmo falecendo em 31 de maio de 1938.

Seus primeiros estudos foram feitos com um seu parente - o Prof. Quirino do Amaral Campos - complementando-os, a seguir, na "Escola Régia", com Manoel da Luz Sintra. Os estudos secundários foram realizados sob a orientação do Pe. Joaquim José Vieira, conhecido por sua magnitude e desprendimento, características essas que jamais abandonaram seu discípulo Leopoldo Amaral.

Iniciou sua carreira jornalística publicando exercícios literários, peculiares à mocidade de então, e, só mais tarde, entregou-se à reportagem jornalística propriamente dita. Em 1875, vamos encontrá-lo como correspondente de "A Província de S. Paulo", periódico, já consagrado na época. Sua contribuição fora de tal ordem que manteve o cargo até idade bastante avançada. Também escreveu em periódicos locais, o que demonstra sua incessante atividade, versando sempre os temas históricos, retratando com vivo colorido e versatilidade o cotidiano campineiro.

Mas, para sobreviver, fez-se comerciante, embora sem abandonar as letras, e, em 1887, fazia parte da firma Martins, Leopoldo & Cia., com loja de fazendas, armarinhos e modas, instalada à rua Direita, 47 (atual Barão de Jaguará). Tal experiência lhe trouxe uma grande vantagem: o aguçamento de seu espírito crítico e observador, o que, diga-se de passagem, mais ainda o aproximou da escrita, chegando mesmo, nesta época, a publicar um rodapé sob o título "O metro pela pena", onde jocosamente explicava sua atitude.

Investigador paciente de arquivos, testemunha ocular de vários episódios da vida campineira, não pôde deixar de envolver-se em momentos significativos de nossa história nacional, quais sejam o movimento abolicionista e o republicano, aí demonstrando sua opinião favorável ao trabalho livre e assalariado, bem assim, sua luta pela democracia.

Com a proclamação da República, conquistou o cargo de Delegado de Política em Campinas, e, logo após, tornou-se secretário interino da Câmara Municipal, cargo em que veio a aposentar-se em 1915, quando foi substituído por outro jornalista de escol - Benedito Otávio - que, aliás, fora por longos anos seu auxiliar naquela casa.

A familiaridade com os velhos papéis relativos à vida campineira, propiciou-lhe a oportunidade de escrever significativas páginas sobre a história da cidade, figurando, entre elas, os **Almanaques** que editou, até hoje fonte importante para o conhecimento de Campinas de outrora. Neles, bem à moda dos velhos almanaques, há de tudo: desde as informações rotineiras próprias de qualquer livro dessa natureza, relativas ao tempo ou à produção agrícola do município, até páginas literárias de muita sensibilidade: entre umas e outras, crônicas sobre a vida campineira, hoje importantes para o resgate dessa memória, como é o caso, entre outras, sobre as divisas de Campinas, sua Biblioteca Municipal, sobre o matadouro, seus mercados, sua polícia, sobre a fundação da Companhia Mogiana, o Passeio Público, o Bosque dos Jequitibás...

Todavia, não se limitou a isso a contribuição de Leopoldo Amaral para o conhecimento do passado de nossa cidade. Vale destacar também a série

de crônicas publicadas em "O Estado de S. Paulo" e que foram posteriormente reunidas para formar o volume **Campinas: recordações**, de 1927. Claro que nem tudo está aí reunido; certamente escreveu mais, encontrando-se ainda esparsas muitas de suas crônicas pelas páginas do jornal. Entre outras delas, podemos lembrar as que deixou sobre o "Culto à Ciência", a Catedral, as Festas do Divino, as palmeiras do Jardim, o braço da cidade... Vale salientar que, em todas elas, tratando-se de um jornalista de fina sensibilidade, pôde contribuir para o retrato da vida social da cidade, com a necessária evocação dos costumes do tempo, sem cair no supérfluo e na pieguice, mas, sobretudo, registrando aquilo que a seu ver revestiu-se de maior significação.

Quero ainda relembrar a cultura musical de Leopoldo Amaral, que chegou a compôr várias peças melódicas, muitas escritas para seu particular amigo D. Nery, para serem executadas em benefício das obras do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, além de mazurcas, valsas, polcas, a maior parte delas apresentada no Teatro São Carlos, alcançando repercussão e popularidade avantajadas na época, ou seja, entre os anos de 1889 e 1910.

Cultivou de igual modo a poesia (sobretudo no gênero humorístico), além de haver contribuído de maneira destacada para a fundação de estabelecimentos de beneficência e caridade em Campinas. Só na Santa Casa de Misericórdia ocupou por mais de quarenta anos vários cargos administrativos, e, entre 1895 e 1906, desempenhou funções de procurador dessa Irmandade. A partir desse período e até 1936, foi seu secretário.

Por ser, como creio haver demonstrado, figura proeminente da vida campineira, foi Leopoldo Amaral merecidamente lembrado numa das ruas da cidade - no bairro de Vila Marieta - bem assim no busto que, em sua memória, foi erigido em frente à casa em que morou, no velho Jardim Público (até há pouco tempo Praça Imprensa Fluminense, e, atualmente alterado, ou melhor dizendo extinto, para em seu lugar entrar o de Tom Jobim...) Foi, ainda, escolhido como patrono da Cadeira nº 1 da Academia Campinense de Letras, aliás pelo seu próprio fundador, o saudoso mestre e amigo Francisco Ribeiro Sampaio.

Muito mais poderia ainda escrever sobre este humanista que foi Leopoldo Amaral. No entanto, creio que para finalizar, nada melhor dizer que ele foi, ao mesmo tempo, provinciano/cosmopolita e que soube entender, como poucos, que comunidade e sociedade são conceitos relacionais.